

# O CERIMONIAL NA ATIVIDADE DE RELAÇÕES PÚBLICAS

*Juliana dos Santos Barbosa\**  
*julibarbosa@hotmail.com*

## Resumo

O ato de solenizar pode ser um elemento estratégico no desenvolvimento da atividade de Relações Públicas. Para tanto, é determinante que o profissional visualize o cerimonial além das regras do protocolo, e compreenda seu alcance enquanto fenômeno social. Ao lançar o olhar sob o viés antropológico, o profissional de Relações Públicas amplia suas referências e aprofunda o domínio sobre o ato de solenizar.

**Palavras-chave:** *Relações Públicas; Cerimonial; Ritos; Comunicação.*

## INTRODUÇÃO

*“O rito dá asas ao plano social e inventa, talvez, sua mais profunda realidade”*  
*(Roberto DaMatta)*

O ato de solenizar pode ser um elemento estratégico no desenvolvimento da atividade de Relações Públicas. Para tanto, é determinante que o profissional visualize o cerimonial além das regras do protocolo, e compreenda seu alcance enquanto fenômeno social. Partindo desta premissa, apresentamos neste trabalho pressupostos teóricos da antropologia indispensáveis para uma atuação sem automatismo. Explorando as características do rito na sociedade, tais aportes conceituais oferecem parâmetros que permitem dar um sentido humanizador e democrático às solenidades.

Ao lançar o olhar sob o viés antropológico, o profissional de Relações Públicas amplia suas referências e aprofunda o domínio sobre o ato de solenizar. Expande-se, desta forma, a possibilidade de extrair das cerimônias a sua capacidade de estabelecer relacionamentos entre instituições, grupos e/ou pessoas. Aumentam também as oportunidades de se consolidar um determinado conceito ou identidade perante a opinião pública, por meio do potencial comunicativo inerente aos rituais.

---

\* É docente no curso de Comunicação Social da Facnopar (Faculdade do Norte Novo de Apucarana) e Relações Públicas da Prefeitura de Londrina, com atuação nas áreas de cerimonial e comunicação organizacional. É graduada em Relações Públicas, especialista em Comunicação Empresarial, mestre e doutoranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina.

Neste contexto, cabe ainda ao profissional a habilidade de analisar se o cenário é oportuno para a realização de determinado ritual. Tal necessidade se justifica, principalmente, por duas razões que, embora antagônicas, são complementares: a ritualização excessiva pode provocar a banalização de momentos que deveriam ser memoráveis e, por outro lado, a preterição do ato de solenizar pode representar a perda de interessantes oportunidades de relacionamento com os públicos.

## **O RITO NA SOCIEDADE ATUAL**

Em contraste com as sociedades ditas primitivas e as sociedades tradicionais, muitas vezes, as sociedades modernas, regidas pela racionalidade, negam a capacidade de ritualizar. Rivière (1996, p. 25) atribui esta negação à perda de certas práticas religiosas, mas nega, entretanto, a possibilidade de desaparecimento do rito na atualidade, numa sociedade em que a imagem ocupa o primeiro lugar, ou seja, onde “é necessário ver para crer”.

Nesta perspectiva, podemos também evocar a importância das experiências ritualizadoras para estabelecer na memória aquilo que vai ser marcante, vai atribuir sentido e firmar-se no imaginário. Walter Benjamin (1987, p. 222) lembrou que “a história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de ‘agoras’.”

Em todo tempo e lugar, a vida social é marcada por rituais. Historicamente os seres humanos buscam maneiras de marcar momentos importantes de suas vidas através da realização de *eventos especiais*, definidos por Allen (2003, p. 5) como “celebrações planejadas para marcar ocasiões especiais ou atingir objetivos de cunho social, cultural ou corporativo”.

Tambish (apud PEIRANO, 2003, p.11) define ritual como um “sistema cultural de comunicação simbólica”, constituído por seqüências ordenadas e padronizadas de palavras e atos. Em nossa sociedade, por exemplo, temos as formaturas, os casamentos, os batizados, as inaugurações, a posse de um presidente da república.

De forma geral, esses rituais marcam a mudança ou transição de pessoas ou grupos para uma nova etapa da vida. O pesquisador Arnold van Gennep (1977, p.31) definiu esses momentos como *ritos de passagem* ou “sequências cerimoniais que acompanham a passagem de uma situação a outra, e de um mundo (cósmico ou social) a outro”.

Os ritos ajudam a construir e criar o tempo, neutralizando ou reafirmando as coisas do mundo. Neste sentido, o ritual pode ser relacionado com os movimentos de transformação social. Montar um rito é abrir a comunicação entre o “real” e o “especial”, permitindo que a sociedade se enxergue de forma alternativa. “Pois é aí que ela sai de si mesma e ganha um terreno ambíguo, onde não fica como é normalmente, nem como deveria ser” (DAMATTA, 1997, p. 39). O rito, para o autor, é veículo da permanência e da mudança, da afirmação da ordem estabelecida ou da criação de uma nova ordem.

Para Segalen (2002, p. 22) as manifestações rituais rompem com o cotidiano; as cerimônias movimentam a coletividade quando reúnem grupos para celebrar. “Do cotidiano em que cada um só pensa em si e em questões materiais, passa-se ao tempo coletivo no decorrer do qual a *alma se regenera*”. Sob a mesma perspectiva, DaMatta examina os rituais tendo como contraponto o cotidiano: “[...] em vez de definir o rito por meio de algum tipo de traço positivo e substantivo, escolhi defini-lo (junto com o cerimonial e a festa) por meio do contraste com os atos do mundo diário” (1947, p. 47). O autor argumenta que as sociedades se dividem entre ritos e rotinas. A rotina está ligada ao que é ordinário, cotidiano e corriqueiro. O ritual é o extraordinário pensado, planejado com objetivos.

Outro ponto de vista adotado por DaMatta é que a “matéria-prima” do mundo ritual é a mesma da vida diária, o rito apenas coloca em foco um determinado elemento e lhe dá outra dimensão e significado:

Uma ação que no mundo diário é banal e trivial pode adquirir um alto significado (e assim “virar” rito) quando destacada num certo ambiente por meio de sua seqüência. [...] Basta que se coloque um ato numa posição especial. Um aperto de mão, ato corriqueiro entre nós, torna-se o símbolo da fraternidade universal quando é o ponto final e o ato abrangente, englobador de todo um ciclo de ações

altamente consciente, como ocorre – por exemplo – no encontro de dois chefes de Estado quando um deles visita o outro. (DAMATTA, 1997, p. 37).

Podemos afirmar que o posicionamento focal legitima o gesto e o transforma em um símbolo maior que um mero encontro entre duas pessoas. Um aperto de mão, fato do nosso cotidiano, passa a representar o acordo entre duas nações, o paradigma que deve nortear as relações entre os países.

## **O CERIMONIAL COMO UM VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO DIRIGIDA**

A atividade de Relações Públicas é responsável, no contexto da comunicação organizacional, pela gestão dos relacionamentos entre uma instituição e seus públicos de interesse. O profissional tem como atribuição identificar esses grupos e criar canais que promovam o diálogo entre as partes. O objetivo é solidificar um posicionamento positivo perante a opinião pública, gerado a partir de uma política de comunicação pautada na verdade e legitimidade das relações e em princípios éticos.

As principais ferramentas de Relações Públicas são os veículos de comunicação. Os meios de comunicação de massa, como TV, rádio e jornal têm grande abrangência e se caracterizam por uma audiência anônima. Já os meios de comunicação dirigida, como a mala direta, as reuniões e os eventos permitem uma ação personalizada, em que os interlocutores são identificados e podem interagir.

O cerimonial, considerado como um tipo de evento marcado por certa formalidade, é um veículo de comunicação dirigida aproximativa (em que há interação presencial). E, se conforme afirma DaMatta (1997, p. 83), “no mundo ritual, as coisas são ditas com mais veemência, com maior coerência e com maior consciência”, o profissional de Relações Públicas não pode perceber o cerimonial apenas como um conjunto de regras, mas como uma poderosa ferramenta de interação humana.

O rito é uma linguagem eficaz na medida em que, através de sua dimensão simbólica, atua sobre a realidade social. Peirano (2003, p. 10) afirma que os rituais “são bons para transmitir valores e conhecimentos e também próprios para resolver conflitos e reproduzir relações sociais”. Allen (2003, p. 4) ratifica este pensamento

quando relata que os primeiros australianos já usavam o relato oral, a dança e o canto para transmitir sua cultura às gerações subseqüentes. De acordo com o autor, suas cerimônias eram ocasiões importantes na vida da comunidade, nas quais o significado cultural era compartilhado e reafirmado.

A partir desses pressupostos podemos afirmar que o ritual é algo memorável, paradigmático. O ato de solenizar é um momento simbólico de afirmação. O ser humano ritualiza para marcar, para estabelecer certas realidades e afirmar posições também. Em relação à cotidianidade os rituais se diferenciam pelo foco que lhes é dado, pela concentração de atenção e expectativas e pelo compartilhamento social dos significados.

O pesquisador e consultor empresarial Luis Marins, em seu artigo “A importância de solenizar” fala sobre como o rito pode (e deve) ser um veículo de comunicação nas empresas. Marins conta o caso de uma empresa que, após consultar seus funcionários, decidiu montar um consultório dentário dentro da fábrica. E, sem qualquer cerimônia especial, num certo dia, o dentista começou a atender os funcionários. Os diretores perceberam, entretanto, uma “frieza” por parte dos funcionários, que pareciam não valorizar a iniciativa. Quando foi comunicado desta situação, o consultor perguntou como o consultório havia sido colocado na indústria. A resposta foi que haviam mandado um memorando para todos os chefes e colocado um comunicado no quadro de avisos.

O problema estava diagnosticado. Imediatamente Marins propôs que fosse feita uma cerimônia de inauguração, com a presença de todos os funcionários; o gabinete teria uma placa com “nome” - que seria escolhido pelos próprios empregados; a placa deveria ser coberta por um pano com as cores da empresa e seria descerrada pelo presidente da empresa e pelo funcionário mais antigo; deveria haver discurso; o representante do sindicato dos trabalhadores deveria participar; após a cerimônia haveria algo para comer e beber. E assim foi feito.

Nas semanas seguintes, de acordo com o relato do consultor, todos os operários comentavam o novo benefício, o sindicato dos trabalhadores enviou uma carta à empresa elogiando a iniciativa, e o dentista teve que organizar horários para

atendimento. Marins conclui então que uma das coisas mais importantes no Brasil é "solenizar" os atos na empresa. Todos os acontecimentos importantes, para serem vistos como realmente importantes, precisam ser cerimonializados. E como todo "rito" deve ter "discurso e comida", pois é assim que as pessoas realmente introjetam o fato ou acontecimento.

Encontramos em Rivièri (1996, p. 9) fundamentos que destacam o papel do alimento no processo de ritual. Para o autor, a refeição coletiva expressa a participação do indivíduo no grupo. "Não comemos somente para nos alimentarmos, mas também por razões cerimoniais e sociais, operando uma escolha nas virtualidades alimentares e consumindo símbolos juntamente com alimentos".

Confirmando a posição de Marins sobre a necessidade do rito para a internalização de mudanças, Segale afirma que os ritos nos dão consciência de fenômenos que, sem eles, permaneceriam desconhecidos. "Sem rito, algumas coisas não entrariam na nossa experiência" (DOUGLAS, apud SEGALÉ, 2002, p. 30). Nas palavras de DaMatta (1997, p. 29), é como se o ritual tivesse o privilégio de penetrar no "coração cultural de uma sociedade", na sua ideologia e no seu sistema de valores.

Os profissionais que lidam com a atividade de eventos não podem ignorar esta realidade antropológica. É através do rito que as pessoas incorporam transformações e legitimam situações - algumas vezes já existentes no plano real. Segundo DaMatta (1997, p.83), "os rituais [...] permitem maior clareza às mensagens sociais". Ou seja, nos atos solenes, a comunicação se estabelece e a importância de um fato passa a ser realmente sentida e avaliada.

## **CONCLUSÃO**

Os rituais desempenham relevante papel na sociedade e permeiam os mais diferentes períodos da história da humanidade em todas as culturas. Em uma visão limitada, o cerimonial pode parecer apenas um conjunto de regras a serem seguidas. Se analisarmos, entretanto, os aspectos antropológicos que o envolvem, é possível extrair muito mais deste elemento. Os profissionais de Relações Públicas

devem refletir sobre este fenômeno e buscar seu real significado; não se deve percebê-lo como algo operacional, mas identificar toda sua potencialidade comunicativa.

Os ritos constituem formas de recordar. O cerimonial, neste contexto, não pode ser pensado como peça isolada, mas deve ser visto como um momento de construção democrática. Embora não seja uma ocasião para abrir discussões ou negociar, é quando se tornam públicos acordos, parâmetros e diretrizes. Os ritos devem ser utilizados para tornar memoráveis momentos de início e anúncio, momentos de premiação e reconhecimento público, devem servir para compartilhar conquistas e vitórias. São momentos de homenagem, que legitimam realidades, anunciam (e provocam) mudanças, conciliam interesses e reafirmam parcerias. Representam a humanização das relações.

## REFERÊNCIAS

- ALLEN, Johnny [et al]. *Organização e Gestão de Eventos*. Rio de Janeiro : Elsevier, 2003.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: *Ensaio sobre literatura e história da cultura*. Vol 1. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 222-232. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet.
- DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- GENNEP, Arnold van. *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes, 1997
- MARINS, Luis. “A importância de solenizar”. Artigo publicado no site: [www.portal-rp.com.br](http://www.portal-rp.com.br). Acesso em 12.08.2009
- PERIANO, Mariza. *Rituais ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003
- RIVIERI, Claude. *Os rituais profanos*. Petrópolis: Vozes, 1996
- SEGALEN, Martine. *Ritos e rituais contemporâneos*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.